

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

Gentrificação e Humanização

Um desafio para a cidade de São Paulo

Talita Vieira Mattos

Abril de 2017

GENTRIFICAÇÃO E HUMANIZAÇÃO: UM DESAFIO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO¹

Talita Vieira Mattos²

RESUMO

O artigo trata da relação entre a Indústria Criativa e a Gentrificação na cidade de São Paulo e como iniciativas da Economia Criativa podem atuar na melhoria da relação das pessoas com a cidade, tornando-a mais humana. Para abordar o tema, é feita uma breve análise do processo de urbanização de São Paulo e sua influência no processo. Também foram selecionados dois exemplos de ressignificação do espaço público na cidade, a Paulista Aberta e o Minhocão, e sua importância simbólica como alternativas viáveis de humanização das relações.

Palavras-chave: Indústria Criativa, Economia Criativa, cidade, gentrificação, espaço urbano.

ABSTRACT

The article deals with the relationship between the Creative Industry and Gentrification in the city of São Paulo and how Creative Economy initiatives can improve people's relationship with the city, making it more human. To address this issue, a brief analysis was made of São Paulo's urbanization process and its influence on the issue. Two examples of the re-signification of the public space in the city were also selected, the Paulista Aberta and Minhocão, and their symbolic importance as viable alternatives for humanization of relations.

Key-words: Creative Industry, Creative Economy, city, gentrification, urban space.

RESUMEN

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

² Formada em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pela Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA USP) em 2010.

El artículo trata de la relación entre las Industrias Creativas y gentrificación en São Paulo y como las iniciativas de la Economía Creativa pueden actuar para mejorar la relación de las personas con la ciudad, haciendo que sea más humana. Para abordar el tema, se hace un breve análisis del proceso de urbanización de São Paulo y su influencia en el proceso. También se seleccionaron dos ejemplos de resignificación del espacio público en la ciudad, la Paulista Abierta y el Minhocão, y su importancia simbólica como alternativas viables de humanización de las relaciones.

Palabras-clave: Indústria Creativa, Economía Creativa, ciudad, gentrificación, espacio urbano.

1. Introdução

O processo de gentrificação de alguns bairros da cidade de São Paulo parece coincidir com a atuação da Indústria Criativa. O desenvolvimento de atividades econômicas e serviços ligados à arte, ao turismo, à cultura, ao artesanato, ao design, à gastronomia, à arquitetura, entre outros, pode impulsionar gradativamente a especulação imobiliária, a alta dos preços e a descaracterização do ambiente original com a consequente substituição dos antigos moradores por novos com maior poder aquisitivo.

Por se tratar de um fenômeno relativamente novo em São Paulo – em relação à grandes metrópoles como Nova Iorque e Londres - estudos sobre a gentrificação ainda são escassos. Portanto, a análise do porquê, como e onde isso se dá se faz necessária para buscar alternativas e evitar as consequências perversas intrínsecas à gentrificação.

Uma dessas alternativas pode estar com os profissionais ligados à Economia Criativa, que têm a capacidade de atuarem como transformadores sociais, no sentido de se empenharem a integrar seus projetos e propostas de serviços à realidade e identidade já existentes de determinados lugares, promovendo integração e democratização do acesso aos espaços públicos na cidade.

Pois, em São Paulo, observa-se a tendência de “readequação” e “revitalização” apenas de espaços que atendam as demandas do mercado, a especulação imobiliária e aos interesses do poder público. Assim, as melhorias de infraestrutura e de qualidade de vida nesses locais revitalizados acabam beneficiando uma parcela ínfima da população, a mesma que já possui privilégios garantidos e acesso a opções variadas de cultura e lazer.

Portanto, a partir de uma perspectiva empirista e tendo como base a pesquisa bibliográfica, o artigo pretende compreender a dinâmica entre Indústria Criativa, Economia Criativa, gentrificação e alternativas que possam minimizar processos de exclusão e tornar a cidade mais humana para mais camadas da sociedade.

2. Gentrificação e Indústria Criativa

Entende-se o conceito de gentrificação a partir da definição cunhada pela socióloga britânica Ruth Glass, nos anos 1960. Naquele contexto se observava a transformação da

composição social dos residentes de certos bairros centrais de Londres com a substituição de camadas populares por camadas médias assalariadas, aumentando o valor imobiliário do espaço (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006, p. 22).

O termo vem do inglês *gentrification* - derivado da palavra *gentry*, que significa "de origem gentil, nobre" – portanto, significa o enobrecimento e elitização de um espaço urbano por meio de uma reestruturação que leva à mudança das dinâmicas sociais e econômicas, valorizando a região e afetando a população local.

Já por Indústria Criativa entendem-se as atividades realizadas nos setores econômicos do audiovisual, editorial e indústria fonográfica (REIS, 2011). Nela, a criatividade é o elemento central, porém possui a tendência de se tornar uma *commodity* devido a seu potencial de comercialização e inserção na lógica capitalista.

Para melhor entendimento da relação entre gentrificação e Indústria Criativa, é preciso destacar a diferença e a complementaridade entre os conceitos de Indústria Criativa e Economia Criativa.

Segundo Celso Furtado (2008), a apropriação da criatividade pelos setores hegemônicos pode minar os talentos locais, submetendo-os às megacorporações. Porém, o autor alertava que este ambiente também gera solo fértil para o surgimento de uma economia pautada pela criatividade e que traduz a força de uma comunidade na geração de renda e empregos para os países em desenvolvimento. Para ele, esse impulso criador de novos valores culturais e libertador de energias humanas constitui a fonte do que é chamado de desenvolvimento. Isto é, o que entendemos hoje por Economia Criativa.

Ou seja, uma sociedade criativa necessita da Indústria Criativa, mas ambos, “sociedade e indústrias, necessitam de práticas capazes que estejam próximas à realidade cotidiana, para que haja cooperação, co-criação e descobertas que sejam capazes de humanizar, emocionar e impulsionar o espírito crítico e a criatividade” (DE LA IGLESIA, 2016, p. 78 – tradução livre).

Portanto, a Indústria Criativa deve se alimentar da Economia Criativa, pois, enquanto uma representa o mercado a outra representa as demandas da sociedade.

A Economia Criativa pode ser vista como um desdobramento da economia do conhecimento (devido à presença do saber, da tecnologia e da cultura) e da economia da experiência, uma vez que há na criatividade forte atuação da essência local e de um ambiente favorável a esta (REIS, 2011, p. 30).

Embora a autora conserve uma visão mais ligada ao mercado, defende que uma cidade pode ser considerada criativa quando é atraente para indústrias e pessoas criativas e onde haja a prevalência de três elementos: inovação (social, cultural e ambiental), conexão (histórica, geográfica e de diversidade) e cultura (produtos, serviços e patrimônios) (REIS, 2011, p. 32 e p. 33). São cidades com vocação para transformar potencial criativo em inclusão, desenvolvimento social e melhoria da qualidade de vida de seus habitantes.

Assim compreendidos os conceitos, observa-se certa tendência que aponta a Indústria Criativa e seus profissionais como potenciais agentes indiretos do fenômeno da gentrificação. A ideia é que estes são capazes de transformar locais inicialmente pouco atrativos em áreas mais desejáveis, principalmente para moradores e empresários abastados, que se mudam para bairros mais deteriorados, contribuindo para uma gradual transfiguração das características originais.

O fenômeno pode ser observado, principalmente, em centros urbanos de grandes metrópoles. Isso se dá porque os centros costumam ser os espaços mais democráticos das grandes cidades, seja pela infraestrutura, seja pela oferta de serviços e facilidades de acesso. Portanto, a deterioração do Centro não é interessante para nenhum dos lados: impede uma possível atração imobiliária e a instalação de melhores serviços e comércios. Por isso o poder público, associado à iniciativa privada, está sempre investindo em planos de revitalização para zonas centrais. É o que se vê na renovação do centro de São Paulo e nas obras da zona portuária no Rio de Janeiro, por exemplo.

Tal capacidade de transformação da Indústria Criativa vem da sua força para atrair estabelecimentos como bares descolados, cafés de grandes redes, restaurantes gourmet, teatros, galerias de arte, entre outros, renovando a ocupação e, conseqüentemente, ativando uma nova lógica comercial naquele lugar. Foi o que aconteceu em regiões centrais de São Paulo, como a Praça Roosevelt, Rua Augusta, e bairros como Vila Madalena e Santa Cecília.

Essa modificação é passível de acontecer quando os espaços públicos da cidade passam a atender unicamente às demandas do mercado. Assim, a iniciativa privada atua no déficit deixado pelo poder público e investe, à sua maneira, nos setores de cultura, arte e lazer, beneficiando apenas o público com poder aquisitivo, marginalizando o de baixa renda e favorecendo a gentrificação.

Sendo assim, a especulação imobiliária, o aumento do investimento privado e atenção do poder público aliado à atuação da Indústria Criativa, funcionam como uma espécie de filtragem social ditada pelas leis de mercado.

Enfatizar este processo pode ser fundamental para a compreensão política dos casos de gentrificação, especialmente no que se refere aos discursos do poder público – muitas vezes replicados e reforçados pela sociedade civil – que procuram justificar e legitimar projetos de “requalificação”, “revitalização” ou “ressignificação” de espaços públicos que têm potencial gentrificador.

3. A metrópole e o processo de mercantilização

Se a dinâmica de valorização e desvalorização urbana faz parte do desenvolvimento natural das cidades, no Brasil essa troca de população de determinada área é acentuada pelo funcionamento desregulado do mercado imobiliário. Como afirma o urbanista Kazuo Nakano, um dos responsáveis pelo novo PDE (Plano Diretor Estratégico) de São Paulo³:

As prefeituras das grandes cidades não conseguem estabelecer um regramento adequado, porque a nossa legislação é capturada pelos interesses de mercado e de grupos empresariais. As leis sempre foram feitas para atender ao investimento privado da indústria imobiliária.

No caso do Centro da capital paulista, a revitalização de determinadas áreas trouxe um repovoamento e tem atendido às necessidades habitacionais da população de classe média, mas os moradores de renda mais baixa acabam sem muita opção. Ou seja, a legislação urbana, ao invés de proteger a população e defender seus interesses, beneficia os especuladores imobiliários. A cidade vivencia a proeminência do privado sobre o público.

Para se compreender com mais clareza porque tal fato se dá, é importante recordar o processo de urbanização de São Paulo e seu desenvolvimento como maior cidade do país a partir de um breve traçado histórico-geográfico.

No século XIX, com a expansão da indústria do café e a construção de ferrovias para sua distribuição no interior do Estado, São Paulo passa a ser estratégica política e economicamente para o país, atraindo assim, investimentos pesados da iniciativa privada e do poder público.

³ O Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo, de 31 de julho de 2014, é uma lei municipal que orienta o desenvolvimento e o crescimento da cidade até 2030. Fonte: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/urbanismo/legislacao/plano_diretor/>

Desde então, a vida na cidade foi alterada de forma marcante. O avanço do comércio, da indústria e a construção de grandes avenidas e marginais ditou o modo de expansão da cidade e o que seria considerado importante e prioritário dali em diante. Os veículos, a individualidade e o capital prevaleceram sobre os rios, as pessoas e o desenvolvimento humano.

A elite e o governo paulistano tinham grande interesse em mercantilizar a cidade. Assim, as reformas urbanas realizadas entre os anos de 1930 e 1960 com o seu processo caótico de urbanização, focadas no lucro, trouxeram muitos efeitos para a população que ainda são observados nos dias de hoje, entre eles, a gentrificação.

Como afirma Lúcio Kowarik (1993, p. 30):

A distribuição espacial da população no quadro deste crescimento caótico reflete a condição social dos habitantes da cidade, espelhando ao nível do espaço a segregação imperante no âmbito das relações econômicas. O agravamento dos problemas que afetam a qualidade de vida da população de São Paulo não atinge a cidade em geral.

Ainda segundo o autor, iniciativas do governo para se modernizar e “reurbanizar” a cidade, acabaram por forjar uma nova configuração do espaço, que visa atender os interesses mercadológicos ou de classes sociais mais abastadas, mas encarece e impossibilita a vida dos mais pobres no local que antes moravam (KOWARICK, 1993). Ou seja, naquela época já se via princípios da gentrificação.

Nessa mesma linha, o autor Neil Smith pensa o fenômeno da gentrificação como o resultado do desenvolvimento desigual de uma metrópole, que se transforma numa estratégia urbana global, a serviço de um urbanismo neoliberal. Não se trata mais de um fenômeno pontual, mas sim de um procedimento generalizado, associado a projetos de “regeneração” urbana. Entre os traços de tal gentrificação generalizada, identifica: a influência do processo em setores culturais e comerciais, as parcerias público-privadas e a presença de capital global (SMITH, 1996).

Esse processo de urbanização neoliberal e a mercantilização da cidade não foi observado apenas em São Paulo. Ao contrário, o modelo de desenvolvimento de São Paulo e de outras metrópoles da América Latina das grandes metrópoles, foi importado dos Estados Unidos.

Na década de 1950, os Estados Unidos passavam pelo processo de urbanização pautado pelo culto ao automóvel particular e as rodovias, junto com a desvalorização dos

centros urbanos tradicionais, a preferência pelos arranha-céus e as demolições sistemáticas dos antigos edifícios e seus bairros em nome do progresso e modernização (JACOBS, 2000).

As metrópoles brasileiras copiaram esse modelo de crescimento que inviabilizou o desenvolvimento de qualquer forma mais humanizada de vida na cidade. O que pode se observar agora são tentativas de se amenizar as consequências geradas por esse processo, o que veremos no capítulo a seguir.

4. Humanização da cidade

Numa metrópole com as dimensões de São Paulo, desenvolvida sob a lógica do capitalismo, que cresceu desordenadamente e teve seu processo de urbanização direcionado ao favorecimento dos grandes empresários, a tentativa de se humanizar relações entre as pessoas e a cidade torna-se ainda mais desafiadora.

Apesar de sempre ter sido associada à forte efervescência cultural - seja devido a instalação de equipamentos culturais de excelência, seja pela sua diversidade cultural, tecida por diversas nacionalidades e etnias - na maior parte de sua história, São Paulo se apresenta como uma cidade hostil e pouco favorável às relações, onde predominam a individualidade e a lógica do capital.

Assim, São Paulo sempre sofreu com a profunda carência de conexões, tanto entre os indivíduos quanto entre esses e o espaço público da cidade. Parte disso se deve a seu desenvolvimento heterogêneo e fragmentado, social e econômico, o que provocou a ausência de espaços compatíveis com as particularidades e identidades de cada região. Dessa forma, a concentração de equipamentos e manifestações culturais costumava estar em locais privilegiados economicamente, atraindo o investimento público e o interesse da Indústria Cultural, favorecendo então o fenômeno da gentrificação, como já visto anteriormente.

Porém, atualmente, o paulistano está acompanhando a concepção de espaços que ampliaram as possibilidades de ocupação da cidade. É o caso da “Paulista Aberta” que, desde junho de 2016, fica fechada para circulação de carros e aberta para pessoas aos domingos e feriados. A iniciativa da Prefeitura trouxe arte, lazer e convivência para um local emblemático para a cidade, porém inusitado para tais práticas.



Figura 1 – Paulista Aberta. Autor: Catraca Livre

A mobilização pela abertura da avenida às pessoas começou em 2014 pelos coletivos SampaPé⁴ e Minha Sampa⁵ e uma grande parcela da população que acreditava que poderia influenciar as decisões da prefeitura para este caso. Foi criado um comitê de avaliação, melhorias e participação do Programa Ruas Abertas que inclui membros da Minha Sampa, SampaPé, e outros coletivos com a proposta principal de incluir em consultas participativas, reuniões e articulações, todos os interessados e assim, avaliar e ampliar o programa para as cinco regiões da cidade.

Desde o começo de sua história, com os barões do café estabelecendo residência no local, a Avenida Paulista esteve atrelada ao poder financeiro e à elite paulistana. O local passou também passou a abrigar importantes centros culturais, museus e cinemas (MASP, Itaú Cultural, Casa das Rosas, Reserva Cultural, entre outros), fato que sempre atraiu um público interessado e engajado por cultura e arte. Além disso, ocupa espaço simbólico importante como praça de discussão política, manifestações e encontros de ativistas, podendo ser considerada uma espécie de ágora do paulistano.

⁴ Movimento que surge da premissa de que utilizar os próprios pés como meio de transporte é uma das formas mais sustentáveis e baratas de locomoção, incentivando também, as pessoas a vivenciarem a cidade de um jeito diferente. Fonte: <<http://ciclovivo.com.br/noticia/coletivo-incentiva-paulistanos-a-trocarem-os-carros-pela-caminhada/>>.

⁵ Rede de mobilizadores e comunicadores que acompanham as decisões que estão sendo tomadas pelo executivo e legislativo municipais. Fonte: <<https://www.minhasampa.org.br/>>.

Portanto, o local já era valorizado pelo capital e sempre atraiu investimentos e atenção do poder público, só faltava ser abraçado pela população como um espaço de interação livre, diverso e criativo.

A “Paulista Aberta” traz à tona o tema da ocupação de espaços públicos pelos habitantes da cidade, o que contribui para a quebra a lógica da ocupação apenas de espaços edificadas e propõe uma ruptura em relação à cultura tradicional.

Como exemplo oposto à Avenida Paulista tem-se o Minhocão (nome popular dado ao Elevado João Goulart, antigo Elevado Costa e Silva). Via de 3,4 Km que corta parte do Centro da cidade e é considerado por muitos como um símbolo da degeneração urbana de São Paulo.

Foi construído em 1971 sem que os moradores de seu entorno fossem consultados, portanto com uma forma autoritária de se enxergar o planejamento urbano, que desconsidera a opinião e o interesse público. Típica decisão política arbitrária do período da Ditadura Militar que investia numa cidade para os automóveis sem levar em consideração as consequências sociais que tal projeto poderia trazer.

O resultado foi a desvalorização e deterioração dos imóveis nos arredores do Minhocão, fatos ainda bastante visíveis, com inúmeros prédios em estado de abandono e praticamente nenhum prédio e estabelecimentos novos construído desde então.

Para amenizar as consequências do intenso tráfego de automóveis para os moradores da região, desde 1976, o acesso foi proibido a veículos das 21h30 às 6h30 e, nos domingos e feriados, em período integral. Nesses horários, os paulistanos se apropriaram informal e espontaneamente do lugar.



Figura 2 – Minhocão. Autor: Parque Minhocão

Mesmo assim, a população ainda se divide entre os que querem que o Minhocão permaneça como está, outros que querem que seja transformado em um parque elevado em tempo integral e ainda os que querem sua total demolição.

A questão para cada uma dessas alternativas é a mesma: os efeitos intrínsecos, muitas vezes, negativos que podem decorrer. Um desses efeitos pode ser justamente o da gentrificação da região, seja devido à demolição, o que poderia trazer mais desenvolvimento estrutural ao entorno, seja devido à transformação em parque, que, por serem escassos na região, supervalorizaria os imóveis, a exemplo do que aconteceu com o *High Line Park* em Nova Iorque⁶.

De qualquer maneira, a ressignificação desse espaço, símbolo da Ditadura, pode ser mais interessante e importante para a cidade e seus habitantes do que sua demolição. Pois, a utilização do Minhocão pelas pessoas também é um exemplo da quebra de paradigma e do novo sentido que se pode dar ao espaço urbano público. O local passou de “um desastre urbanístico” a uma alternativa central para atividades físicas, intervenções culturais, apresentações de teatro gratuitas, feiras gastronômicas, grafites e jardins verticais.

Um exemplo que simboliza o processo de humanização contra a gentrificação da cidade é o do Grupo Esparrama, que desde 2013 promove importantes ações culturais e sociais no Minhocão e seu entorno, sempre destacando a questão da relação das pessoas com a cidade e a ocupação de espaços públicos por meio da arte.

⁶ High Line é um parque linear de aproximadamente 2,5 Km construído em 2009 numa via férrea elevada de Nova Iorque. Fonte: <<https://novayork.com/high-line>>.



Figura 3 – Grupo Esparrama. Autor: Mistura Urbana

Com seus espetáculos de teatro gratuitos apresentados a partir da janela de um dos prédios às margens do Minhocão, o grupo ganhou prêmios, reconhecimento e se tornou referência de iniciativa cultural que desafia o modelo ditado pela Indústria Criativa.

O projeto é emblemático, pois representa a utilização de dispositivos arquitetônicos típicos da cidade para um fim inusitado: as salas do edifício tornam-se o palco; o viaduto, a plateia; o público, os passantes; e o cenário, o próprio centro da cidade.

Assim, retrata um recorte da cidade e da luta por transformar o local em um permanente espaço de convívio com a arte e mostrar outras possibilidades de viver no caos de São Paulo. Além disso, ainda demonstra a possibilidade de dessacralização e democratização do teatro.

Podemos concluir que, apesar das possíveis consequências, a Paulista Aberta e o Minhocão são exemplos de espaços públicos que superaram a lógica tradicional da relação com a cidade. Transformaram-se em locais de criação, troca e diversidade, que desembrutecem o cotidiano, sensibilizam as relações e ampliam visões de mundo. Processos com verdadeira potência de transformação de uma sociedade. Mesmo que ainda seja pouco, dada à dimensão da cidade, são importantes e simbólicos marcos iniciais.

Pois a humanização de uma metrópole depende de iniciativas que promovam a melhoria de qualidade de vida e inclusão sociocultural para seus habitantes. Isso é alcançado quando setores e projetos criativos se desvinculam das regras ditadas pela cultura

hegemônica, quando os valores culturais vêm da demanda da sociedade, ou seja, quando a Economia Criativa pauta e completa estrategicamente a Indústria Criativa.

5. Considerações finais

A partir da observação dos locais citados nos tópicos acima e da consulta à bibliografia, pôde-se constatar que a cidade, apesar de aparentar estar fadada a fatores inexoráveis, é aberta, inconclusa, orgânica e, portanto, passível de ser reinventada de acordo com os anseios da sociedade e da época.

Foi possível observar que é preciso dar início a um pensamento crítico em relação ao uso e prática do conceito de direito à cidade e de ocupação do espaço público, que traga propostas e esforços efetivos para garantir a democratização do acesso dos benefícios a todos e a manifestações que promovam a diversidade.

Sendo assim, profissionais ligados à Economia Criativa devem participar do desafio de superar consequências como a gentrificação para que São Paulo se torne uma cidade mais humanizada em toda sua extensão, pois o espaço urbano não deve ser considerado apenas território de ações pragmáticas, mas também, espaço fértil para criações coletivas, integração e vivências humanas.

Propor um diálogo aberto e estudos em torno da gentrificação e de suas consequências pode ser o primeiro passo para a criação de uma consciência coletiva que proponha o desenvolvimento de espaços e serviços que conectem pessoas, ao invés de separá-las e que conserve as características de um bairro e de seus habitantes.

A tentativa de compreender a cidade e alguns dos componentes de sua complexa teia de processos pode contribuir para que esta se transforme organicamente e se torne mais justa. Talvez assim, a situação mencionada por David Harvey na seguinte passagem: “Minha opinião é que estamos concentrando nossos esforços e recursos na construção de cidades para investir ao invés de cidades para viver”,⁷ possa ser revertida.

⁷ Retirado de entrevista com David Harvey sobre Gentrificação: “Habitat III tem uma posição neoliberal”. Quito, 2016. Disponível em: <<http://cdes.org.ec/web/entrevista-a-david-harvey-sobre-gentrificacion-habitat-iii-tiene-una-posicion-neoliberal/>>. Acesso em: 12/11/2016. Tradução nossa.

6. Referências bibliográficas

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos.** São Paulo: Annablume, 2006.

DE LA IGLESIA, Roberto. **Competências Criativas.** Belo Horizonte: Gerdau, 2016.

FURTADO, Celso. **Criatividade e Dependência na Civilização Industrial.** São Paulo: Companhia das Letras Paz e Terra, 2008.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Editora Annablume, 2005.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KOWARICK, Lucio. **A espoliação urbana.** São Paulo: Paz e Terra, 1993.

REIS, A. C. F.; KAGEYAMA, P. (orgs.). **Cidades criativas: perspectivas.** São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.

SMITH, Neil. *The new urban frontier – Gentrification and the revanchist city.* Nova York: Routledge, 1996.

Sites consultados:

TAB, UOL. Especial sobre gentrificação. **Admirável bairro novo.** Disponível em: <<http://2011tab.uol.com.br/gentrificacao/>>. Acesso em 15/01/2016.

Arquitetura da Gentrificação. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/gentrificacao/>>. Acesso em: 12/11/2016.

A História do Minhocão. Disponível em: <<http://minhocao.org/a-historia-do-minhocao/>>. Acesso em: 02/03/2017.